

Lúís AGUIAR

### PRIMEIROS DIAS DE ABRIL DE 1974

Talvez esta seja a nossa pertença,  
a cicatriz incerta,  
um pequeno risco de pele, bordado na carne,  
em pleno heroísmo pela liberdade.

Uma palavra pulsa na boca,  
o peso de um país inacabado na lisura do alecrim.  
Assim se cresce na linha da memória –  
a cicatriz prepotente toca o mundo.

Os relâmpagos doem, frágeis,  
nos pilares da beleza.  
Então, um rio insurge-se nos becos dos grandes rios.

As crianças clamam pelo alvorecer de passos  
no sangue –  
a errância déspota sitiada no horizonte.

ENSAIO SOBRE A «ELEGIA PARA O ÁRTICO»  
DE LUDOVICO EINAUDI

Num só instante ouço o alvoroço,  
o som grave da água dura a desfazer-se na água mole  
e o piano negro sobre o branco do gelo  
a insistir que o percurso do silêncio  
insurge-se contra as orações dos que não sabem  
falar na suprema penitência deste chão.  
O piano é mais primitivo que a neve,  
Einaudi está ali sentado,  
no meio do Ártico como se aguardasse  
pela tempestade ou por um novo elemento  
que não seja a água, ou o fogo, ou o vento.  
Perco-me na extensão do que é exangue.  
O sangue das calotas polares a desfazer-se no mar  
dói como um coração que é excessivo.  
Não obstante tudo é tão dantesco,  
desmesuradamente grande, terno, eterno  
e continuamos vivos em tão grande solidão.  
O amor?, encontrá-lo-ei neste frio,  
já que o caminho possível  
não tem poemas, nem música, nem dor.  
Tudo está entre dois pontos –  
a dissolução do sangue, o gelo, o mar,  
os animais marinhos, feridos pelo inferno dos dias.  
As estrelas adormecem neste chão  
e em vez de um piano sobre o gelo,  
sonho com um cavalo negro, hírto, a cantar melodias  
ao Ártico, e ao lodo subterrâneo que vive no inverno,  
e às sombras que transparecem o mal.  
Mas o destino é um desassossego que se alastra  
até aos confins do vazio, do nada, dos desencontros.  
Ludovico Einaudi continua sentado, a contemplar o frio,  
a conversar com o sibilar agreste das gaivotas,  
e com a imensidão do abismo.  
Ah, que luz poderia engravidar tamanha beleza?  
Que pássaro gostaria de ser amante desta música?

As teclas negras rivalizam com o som do vento,  
em uníssono, o vento e os sustenidos,  
enquanto o vigor do Ártico é irrepitível neste milagre  
que é a música.

Depois, o silêncio decidiu ranger a carne  
e evadir-se para o exílio da tormenta e que é memória  
da respiração das montanhas pálidas.  
Por aqui tudo é sagrado – a solidão, o mistério rasgado,  
a infelicidade dos que não compreendem o fim,  
a linguagem da música com palavras  
difíceis de serem pronunciadas  
porque o abismo será sempre branco, como a beleza,  
branca, mas eternamente serena  
enquanto perdurar o amor junto dos deuses.

## HAIKU

O lodo  
do velho tanque –  
a minha infância.

## MARIA DA BÁRBARA

Lembro-me da forma como te levantavas  
da cama,  
o gesto calmo do andar,  
enquanto as mãos contemplavam as paredes –  
retratos antigos amadurecidos nos lábios.  
Tinhas oitenta anos mas apenas o corpo  
envelhecido.  
Lembro-me de como cumprimentavas  
o gato branco,  
tão sujo pela vida e pelo cio de janeiro.  
As flores apreciavam, sobretudo,  
o ondular das mãos.  
Não sabias ler nem escrever,  
mas tinhas o brilho todo do mundo.  
Estava inscrito em cada palavra, em cada gesto,  
em cada recado repetido.

## AS MADRUGADAS SEM SONO

Fica. O dia será completo quando terminarmos aquele desenho  
que a tua alma anseia recortar. Não rasgues o sorriso,  
o silêncio estende-se para lá das margens do tempo.  
Chamo-te, em bicos de pés, e não aguento o peso do meu corpo  
com o teu nome nos lábios.  
Trago ventos por dentro dos olhos e choro cores, cores do mundo  
que os espelhos recusaram-se a refletir só porque o teu nome  
envelheceu no meu rosto e no meu espírito.  
A luz quebrou-se no chão, os dedos já não suportam a pele  
que os cobre e as janelas murmuraram a tua partida.

Fica. O dia será completo quando terminarmos aquele desenho que os pássaros, aflitos, uivam, em desespero, como se o mundo fosse acabar já amanhã. E não há amanhã, apenas páginas soltas de um livro envelhecido que eu me cansei de ler. As manhãs dos dias encheram-se de poeiras e de aves violentas que atormentavam a minha viagem até aos teus despidos pés. Então, alguém agastará as tuas mãos, levemente, e a água azul dos ribeiros fingirá novos peixes, para que dançam no teu vestido branco, ainda tão cheio de mim.

#### RUA IDIOSSINCRÁTICA

Ainda não anoiteceu e alguém pronuncia-se sobre a inexistência da luz em todos os lugares. Não conheço outra morada a não ser a que tem uma varanda junto às vielas de lume.

Percorri, entre escombros, a escadaria de Rodchenko. Trago nos pés a herança das cabras esguias e nas mãos um sol inteiro. Como são obstinadas as mãos com as palavras mais frágeis, sobretudo as que têm alcatrão no lugar do sangue.

Os dias vão escorrendo na velocidade dos carros – pequeno rio, estorninho, fio de vento ou poeira fina aconchegada nas esquinas dos prédios.

Já não distingo o incêndio no coração de um pássaro – neblina que me invade a sede, o amor e a loucura.

## SAL

Era uma cidade branca com água no regaço,  
um melro cantava no beiral de uma janela –

poema de Safo traduzido por uma criança.

Agora, o moinho de vento em Santorini  
tem a mesma salmoura  
que as ruas inclinadas de Alcácer do Sal.

Não muito longe a memória envelheceu,  
quando as madressilvas foram colhidas no verão.

## NOTA BIOGRÁFICA

Luís Aguiar nasceu em Oliveira de Azeméis há 42 anos. É licenciado e Mestre em Línguas e Relações Empresariais pela Universidade de Aveiro. Estudou também música clássica, guitarra portuguesa e fotografia. Pratica *karaté* há mais de 15 anos. Ao nível profissional é gestor numa empresa de venda *online* de artigos de dermocosmética e perfumaria. Tem 10 livros de poesia publicados e foi galardoado em dezenas de prémios literários, nomeadamente, entre outros, o Prémio Literário Cidade de Almada (2021), o Prémio de Poesia Judith Teixeira (2017) e o Prémio Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage (2016).